

Estigmatização em Antônio Prado (RS): ilustrando as sete consequências de atitudes linguísticas negativas de Grosjean (2001) através de trechos de entrevistas sociolinguísticas

Stigmatization in Antônio Prado (RS): illustrating seven consequences of negative linguistic attitudes of Grosjean (2001) through sociolinguistic interviews excerpts

Raquel da Costa CORRÊA (UFRGS)
raquelpets@gmail.com

CORRÊA, Raquel da Costa. Estigmatização em Antônio Prado (RS): ilustrando as sete consequências de atitudes linguísticas negativas de Grosjean (2001) através de trechos de entrevistas sociolinguísticas. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 91-104, jan./jun. 2017.

Resumo: Antônio Prado (RS) é uma cidade da *Antiga Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul*. As marcas deixadas pelos dialetos italianos na Língua Portuguesa falada nessa região têm sido objeto de estudo de pesquisas sociolinguísticas, especialmente as de cunho variacionista. Partindo de resultados que comprovam que Antônio Prado se diferencia das outras cidades da região em relação à velocidade das mudanças linguísticas (CORRÊA, 2016; BATTISTI et al., 2007) e da comparação dos dados do Projeto *Linguagem da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul: prestígio e estigmatização – ESTIGMA*, apresentados por Frosi, Faggion e Dal Corno (2010), com os dados de 32 entrevistas sociolinguísticas de Antônio Prado (RS) pertencentes ao Banco de Dados da Serra Gaúcha (BDSer), identificamos que a percepção e as atitudes dos falantes de Antônio Prado (RS) se diferenciam, até certo ponto, das atitudes e percepções dos falantes de Caxias do Sul e arredores. Percebe-se que a única consequência positiva de atitudes negativas (GROSJEAN, 2001), *a consciência étnica provoca reforço da lealdade e solidariedade no grupo*, aparece com bastante clareza na fala dos informantes

da pesquisa, demonstrando esforço por parte dos moradores no sentido de manter ou resgatar o falar dialetal, garantindo a identificação com a etnia italiana.

Palavras-chave: Estigmatização linguística. Dialeto italiano. Atitudes linguísticas.

Abstract: Antônio Prado (RS) is a city of the Italian Colonization Region of Rio Grande do Sul. The features left by the Italian dialects in the Portuguese language spoken in this region have been the object of study of sociolinguistic research, especially the variationist one. Starting from results that prove that Antônio Prado differs from other cities of the region in relation to the speed of the linguistic changes (CORRÊA, 2016; BATTISTI et al., 2007) and comparing the data of Projeto *Linguagem da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul: prestígio e estigmatização – ESTIGMA*, presented by Frosi, Faggion e Dal Corno (2010) with the data of Antônio Prado's sociolinguistic interviews belonging to the Banco de Dados da Serra Gaúcha (BDSer), we identify that the perception and attitudes of the Antônio Prado's speakers differ, to a certain extent, from the attitudes and perceptions of the Caxias do Sul's speakers and region. It is noticed that the only positive consequence of negative attitudes (GROSJEAN, 2001), 'the ethnic conscience that "provokes reinforcement of the loyalty and solidarity in the group"', appears quite clearly in the speech of the informants of the research, demonstrating effort on the part of the inhabitants in the sense of maintaining or recovering the dialectal speech, ensuring identification with the Italian ethnicity.

Keywords: Linguistic stigmatization. Italian dialects. Linguistic attitudes.

Introdução

Desde a chegada dos imigrantes italianos à *Antiga Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul* (RCI-RS), quatro períodos de intercruzamento dialetal (FROSI, 2000) foram identificados: o primeiro período ocorreu entre 1875 e 1910; o segundo período do processo de intercruzamento linguístico ocorreu entre 1910 e 1950; o terceiro período ocorreu entre 1950 e 1975, e o quarto período teve início em 1975 e ainda perdura.

Na transição entre o segundo e o terceiro períodos de intercruzamento linguístico (FROSI, 2000), desenvolve-se o estigma sociolinguístico em relação aos falares dialetais italianos e em relação às marcas desses dialetos na língua portuguesa utilizada na RCI-RS. Dois processos específicos e de grande importância originaram e incentivaram a estigmatização sociolinguística na região: a atuação política do governo brasileiro em favor da língua portuguesa, inibindo o uso dos dialetos italianos, e o progresso de algumas localidades que foram se transformando em grandes centros urbanos.

O objetivo do presente trabalho é identificar se a percepção e as atitudes dos falantes de Antônio Prado (RS) (CORRÊA, 2016) se diferenciam de algum modo das dos falantes de Caxias do Sul (RS) e arredores (FROSI, FAGGION, DAL CORNO, 2010), apresentando exemplos.

Para atingir esse objetivo, partimos das sete principais consequências de atitudes linguísticas negativas apontadas por Grosjean (2001), situando-as na realidade de Antônio Prado, assim como Frosi, Faggion e Dal Corno (2010) o fizeram em relação à RCI-RS como um todo.

A comunidade de fala

Por volta de 1880, período em que os tropeiros de mulas vinham de Sorocaba (SP) para o Rio Grande do Sul, o tropeiro paulista Simão David de Oliveira veio comprar mulas e percebeu a chegada de muitos imigrantes italianos. Fixou-se no passo usado pelas tropas no rio das Antas entre Nova Trento e Antônio Prado e montou uma balsa para que os colonos que ali chegavam pudessem passar, firmando assim o Passo do Simão, facilitando o acesso a El Paese Novo (que no futuro viria a receber o nome de Antônio Prado).

Em 1885, sendo Imperador D. Pedro II, Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, ficou estabelecido que, durante o exercício de 1886/1887 fosse criado um núcleo de colonização na margem direita do rio das Antas, delimitada da seguinte forma: “ao norte, os campos de Vacaria; ao sul, o Rio das Antas; a leste o Rio Leão e a oeste, o Rio da Prata” (ASSIS, 2008). Este núcleo não tinha nome. O engenheiro-chefe Manuel Barata Góis sugeriu que fosse dado a nova colônia o nome do conselheiro Antônio da Silva Prado¹, por ter pugnado a favor da imigração no Parlamento.

Atualmente Antônio Prado possui em média, segundo o Censo de 2010, 12.833 habitantes em 347,617 km², ou seja, 36,92 hab/km². 11.489 residentes seguem a religião católica, conforme a doutrina de seus antepassados. Através das entrevistas sociolinguísticas de Antônio Prado, sabemos que muitas famílias frequentam a igreja católica, seja na cidade ou nas capelas, mesmo quando possuem algum tipo de restrição à postura dos padres ou da instituição. Além do fator religioso, a localidade mantém muitos costumes herdados dos italianos, como o sistema de

¹ O Conselheiro Antônio da Silva Prado, filho de Martinho da Silva Prado e Veridiana da Silva Prado, nasceu em São Paulo em 25 de maio de 1840 e faleceu no Rio de Janeiro em 23 de abril de 1929. Exerceu diversas atividades, como Delegado de Polícia, jornalista, agricultor, entre outras. Foi Superintendente do Serviço de imigração da Europa. Possuía a Legião de Honra da França e foi Presidente Honorário do Automóvel Clube da França, além de carregar vários outros títulos no Império, promovendo a vinda de imigrantes para o Brasil e a instalação de núcleos coloniais, principalmente no Rio Grande do Sul (ASSIS, 2008).

cultivo, a estrutura familiar, os cuidados com a saúde, a vida social e a educação dos filhos, embora a maioria dos informantes perceba que as mudanças são inevitáveis e que os mais jovens, principalmente, têm tido aspirações que não favorecem a manutenção dos usos, costumes e tradições da região. O aumento significativo do acesso dos moradores de Antônio Prado e da região às universidades e às oportunidades de trabalho fora da cidade, nas últimas décadas, levou muitos moradores a migrarem para outras localidades.

Os que ficam, no entanto, mantêm certas práticas sociais tradicionais, como frequentar a igreja, os clubes de mães, as bodegas e os jogos de cartas. Os dois últimos recebem, em sua maior parte, moradores do sexo masculino e de idade mais elevada, enquanto o clube de mães acolhe as mulheres.

O município realiza, periodicamente, festas voltadas ao turismo, ressaltando as características italianas da região. Muitos moradores participam da organização dessas festas, auxiliando desde o planejamento até a execução do evento, seja servindo mesas ou fazendo pratos típicos. Entre as festas de maior visibilidade estão a “Noite Italiana” e a “FenaMassa”. Além dos eventos, Antônio Prado visa atrair os turistas através de atrativos como casas tombadas, a Casa do Artesão, a Casa da Neni e o Museu Municipal, Centro Histórico e Artístico Nacional, as Escadarias da Fé, a Gruta Natural e a Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus, algumas vinícolas, entre outros.

Embora Antônio Prado apresente características culturais comuns às outras cidades da Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul, os estudos de Corrêa (2016) e Battisti et al. (2007) sobre a vibrante simples em lugar de múltipla e sobre a palatalização das oclusivas alveolares, respectivamente, têm demonstrado algumas particularidades que a diferenciam no contexto da RCI-RS. O diferencial de Antônio Prado está relacionado à velocidade com que as mudanças linguísticas ocorrem. Em Antônio Prado, os resultados dos dois estudos comprovam que há estabilização no uso das variáveis investigadas, ou seja, a comunidade de fala utiliza tanto variantes inovadoras quanto conservadoras em seu cotidiano, não sendo possível identificar um processo de mudança linguística ocorrendo como nas outras comunidades de fala da RCI-RS, que, em diferentes velocidades, passam por processos de mudança linguística comprovados em pesquisas realizadas na região (AZEREDO, 2012; BATTISTI; MARTINS, 2011; BOVO, 2004).

Pretendemos verificar se, em relação à percepção e às atitudes

dos falantes, a comunidade de fala em questão também apresenta aspectos que a diferenciam das outras, especialmente de Caxias do Sul (RS), aplicando a metodologia detalhada a seguir.

Metodologia

Os dados utilizados para a presente pesquisa sobre estigmatização em Antônio Prado (RS) são compostos por afirmações feitas pelos informantes de 32 entrevistas sociolinguísticas que compõem o Banco de Dados da Serra Gaúcha (BDSer)².

Através da comparação dos dados do Projeto *Linguagem da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul: prestígio e estigmatização – ESTIGMA*³, apresentados por Frosi, Faggion e Dal Corno (2010), com os de Antônio Prado (CORRÊA, 2016), pretendemos identificar se a percepção e as atitudes dos falantes do município se diferenciam das atitudes e percepções dos falantes de Caxias do Sul e arredores, apresentando exemplos.

Para atingir esse objetivo, partiremos das sete principais consequências de atitudes linguísticas negativas apontadas por Grosjean (2001), situando-as na realidade de Antônio Prado, assim como Frosi, Faggion e Dal Corno (2010) o fizeram em relação à RCI-RS como um todo.

As seis primeiras consequências de atitudes negativas apontadas por Grosjean (2001, p. 123-127) são negativas. A sétima é a única consequência positiva. São elas:

- 1) a língua majoritária é aprendida pelos grupos majoritário e minoritário;
- 2) a língua majoritária é aprendida como primeira língua pela segunda geração;
- 3) os falantes da língua minoritária revelam insegurança quanto ao que pensam saber sobre a(s) língua(s);
- 4) o uso da língua minoritária é mais restrito;
- 5) ocorre a substituição da língua minoritária;

² O Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha é um acervo de entrevistas sociolinguísticas com informantes que habitam os municípios da antiga região de colonização italiana do Rio Grande do Sul (RCI-RS). O acervo é mantido pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

³ O projeto ESTIGMA, desenvolvido na Universidade de Caxias do Sul (UCS), tem como objetivo investigar se há estigma (conforme a definição de Goffman, 1988) em relação à fala portadora de marcas da língua italiana na RCI-RS (FAGGION, 2010).

- 6) os falantes temem o risco de revelar aculturação incompleta por empréstimos ou alternâncias de código;
- 7) a consciência étnica provoca reforço da lealdade e solidariedade no grupo.

As sete consequências estão presentes em Antônio Prado, mas certamente a última, que diz respeito ao reforço da lealdade e solidariedade no grupo em função da consciência étnica, parece ter destaque no município, confirmando o seu diferencial em relação às outras cidades da RCI-RS.

Estigmatização na RCI-RS

Faggion (2010) define estigma como um traço, portado por um indivíduo, que chama a atenção e pode afastar as pessoas. A autora denomina os que não possuem esse traço como *normais*, afirmando que estes são capazes de discriminar e reduzir as chances dos que possuem, com base em ideologias e inferências sem fundamento.

A autora baseia-se em Goffman (1988 [1963]) ao afirmar que é comum que o estigmatizado tenha as mesmas crenças que os ditos normais, desenvolvendo sentimentos de vergonha e autodepreciação. Como consequência, o indivíduo estigmatizado acaba desenvolvendo técnicas de controle de informação. Um das estratégias é esconder ou eliminar signos que se tornaram símbolos de estigma. No caso dos falantes da RCI-RS, significa esconder as marcas do falar dialetal italiano que se apresentam ao falar em português.

Foi na transição entre o segundo e o terceiro períodos de intercruzamento linguístico, conforme os quatro períodos abordados por Frosi (2000), que se desenvolveu o estigma sociolinguístico em relação aos falares dialetais italianos na RCI-RS. Segundo Frosi & Raso (2011), duas são as vertentes importantes que deram origem e alimentaram a estigmatização sociolinguística nessa região: por um lado, a atuação política do governo brasileiro em favor da língua portuguesa e sua interdição à fala étnica; por outro, o progresso de algumas localidades que foram se transformando em centros urbanos importantes.

A oposição entre urbano e rural tornou-se também diferenciação de nível socioeconômico e linguístico-cultural. Estigmatizados foram os indivíduos falantes de dialetos italianos e da variedade da língua portuguesa marcada pelas interferências dos dialetos italianos. Ocorre o

desprestígio não apenas na relação com os falantes de língua portuguesa, mas também dentro do grupo étnico italiano da RCI-RS:

à medida em que o ítalo-brasileiro se urbaniza e aumenta seu poder aquisitivo, passa a desprezar o habitante da zona rural – o colono – focalizando seus modos grosseiros e sua fala carregada de marcas dialetais (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010, p. 22).

No terceiro período, entre 1950 e 1975, o ítalo-brasileiro sofria uma dupla estigmatização sociolinguística: sua fala em dialeto italiano era considerada feia, indicativa de ser colono; sua fala em língua portuguesa denunciava suas origens étnicas: meio italiano, meio brasileiro.

Ao expressar-se em dialeto italiano ou em português com interferências das falas dialetais italianas, o habitante da RCI era visto como gringo, como estrangeiro, como um portador real ou virtual do sentimento de italianidade. Era identificado também como colono, pessoa não instruída, como indivíduo grosseiro, simplório e ignorante. Resumindo esses qualificativos, temos o estereótipo “colono burro”, o mais chocante e difundido, preservado na memória e passado através das gerações (FROSI; RASO, 2011, p. 331).

O quarto período de intercruzamento linguístico teve início no ano de 1975 com as celebrações do Centenário da Imigração Italiana, que despertaram novamente o sentimento de *italianità*, há algumas décadas sufocado, recalcado, o que se estende até hoje. Instaurou-se, neste período, um movimento de retorno às origens étnicas italianas, de busca da linguagem primordial, já em fase de anulação, extinção.

O falar, antes desvalorizado pela comunidade em geral, é, nesse período, investido de prestígio social e de grande importância no interior de determinados grupos da RCI-RS. A importância dada à fala dialetal italiana diz respeito, principalmente, a falantes da segunda geração nascida no Brasil, isto é, aos netos dos imigrantes italianos; são eles os ítalo-brasileiros que, diretamente e de forma marcante, sofreram maior influência dos fatores extralinguísticos peculiares ao segundo e terceiro períodos da evolução sociolinguística, isto é, a estigmatização sociolinguística.

O retorno às origens étnicas e linguísticas não é, contudo, suficiente para que os dialetos italianos sobrevivam e deem conta da comunicação no contexto do mundo moderno urbanizado da RCI-RS. A fala dialetal italiana perdeu o sentido; ela está intensamente mesclada,

alterada pela interferência marcante da língua portuguesa, que é a língua materna da maioria dos ítalo-brasileiros da RCI-RS.

Frosi, Faggion e Dal Corno (2010) partem das sete principais consequências de atitudes linguísticas negativas apontadas por Grosjean (2001), situando-as na realidade da RCI-RS. Faremos o mesmo para a obtenção dos resultados, situando-as no contexto de Antônio Prado (RS).

Estigmatização em Antônio Prado (RS)

Antônio Prado (RS), embora tenha passado pelo mesmo processo de colonização que outras cidades da RCI-RS, foi uma das últimas colônias implantadas na região. O Passo do Simão foi a primeira picada que deu acesso à nova colônia de Antônio Prado, no início de 1886. Até então, o acesso à localidade era extremamente difícil, com montanhosas paragens e cobertas de imensos pinhais.

Foi um longo período de quase total isolamento até que, com o advento das comemorações do centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, Antônio Prado passou a ter ligação por terra para além do Rio das Antas, o que poderia facilitar o contato com outras variedades e resultar em mudança linguística. No entanto, as comemorações do centenário da imigração italiana promoveram a valorização da italianidade e da história local que, em Antônio Prado, culminou com o tombamento das casas⁴. Nesse período, o falar dialetal, que vinha sofrendo com a estigmatização e desaparecendo, ganhou novo fôlego e voltou a ser valorizado.

No entanto, um dos informantes do BDSer afirma, durante a entrevista sociolinguística, ainda existir estigmatização dos falantes de comunidades rurais quando estes se encontram em situação de fala com os habitantes da zona urbana de Antônio Prado. *“Aqui na cidade, para quem é do interior, é... é tipo que nem fosse um racismo. O pessoal tem preconceito”*. A entrevistadora questiona: *“Tu achas?”*. E o informante reforça: *“Não. Eu não acho. Eu tenho certeza”*. E segue explicando que *“se tu não tens um bom círculo de amigos aqui na cidade, tu não consegues criar amizade...”*. A entrevistadora pergunta como o informante sente esse preconceito, como ele o percebe, e ele responde: *“As pessoas te evitam*

⁴ Antônio Prado - RS tem 47 casas tombadas. Com o tombamento, o bem de interesse fica inscrito no livro tomo e passa a ser de interesse coletivo. Sua preservação fica garantida, pois é uma obrigação legal. O órgão máximo para preservação dos bens culturais do país é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

(...). As pessoas te olham diferente. Dá pra perceber que as pessoas te olham diferente”.

O informante responde à entrevistadora dizendo que cursou o ensino médio na zona rural, onde mora, e que lá, como são todos de zona rural, não percebe que haja preconceito. Quando questionado sobre centros urbanos maiores, o informante afirma que em Caxias, por exemplo, as pessoas não parecem estigmatizar quem vem de outras cidades ou interior da região, talvez pelo fato de haver grande circulação de pessoas de diversas localidades e a população já estar acostumada.

A primeira e a segunda consequência de atitudes negativas abordada por Grosjean (2001) é a de que a primeira geração aprende ambas as línguas (majoritária e minoritária) e a partir da segunda geração aprende a língua majoritária como primeira língua, nesse caso, o português, como no exemplo dado por um dos informantes que pertence à segunda geração:

Informante: A minha mãe e meu pai falavam os dois idiomas. Tanto português... a minha mãe sabia ler e escrever tanto o português quanto o italiano. Mas ela pra mim, e pras minhas irmãs... os outros meus irmãos entendiam. Só que eu e a minha irmã... eu vim aprender italiano com 12 anos de idade.

Entrevistador: Ah é?

Informante: É. Eles não queriam que nós falasse italiano.

Entrevistador: Mas por que não?

Informante: Ah porque eles achavam que misturava muito. Então eu comecei a aprender com 12 anos.

Os pais da informante, que provavelmente pertenciam à primeira geração (em torno de 1900), ainda aprendiam a língua minoritária como primeira língua, no entanto, a informante foi criança no período em que ocorria a Campanha pela Nacionalização do Ensino, iniciada oficialmente em 1938⁵. Esse período é lembrado pelos descendentes de imigrantes italianos da RCI-RS como “o período em que era proibido falar italiano”. Os pais da informante provavelmente tentaram proteger

⁵ Ano que estava vigente o período do Estado Novo – também conhecido por Era Vargas, foi um momento na história do Brasil iniciado com o golpe político de Getúlio Vargas, em 10 de novembro de 1937. O Estado Novo foi, ao lado da política do Marquês de Pombal, um dos períodos de maior repressão linguística vividos no Brasil, com posturas que se observam ainda hoje de hostilidade e ideologização de línguas diferentes do português.

os filhos da estigmatização, ensinando-lhes o português e evitando o falar dialetal italiano. Nesse exemplo, parece estar presente também a sexta consequência de atitudes negativas, a de que os falantes temem o risco de revelar aculturação incompleta por empréstimos ou alternâncias de código, representado aqui pela atitude da mãe de não querer que os filhos aprendessem o dialeto italiano para que não tivessem esse problema de “misturar” as línguas em questão.

A terceira consequência de atitudes negativas abordada por Grosjean (2001) diz respeito ao fato de que os falantes da língua minoritária revelam insegurança quanto ao que pensam saber sobre a(s) língua(s).

Outro informante do BDSer comenta a respeito da mistura dos dialetos italianos com o português, afirmando que considera “errado”, demonstrando a insegurança destacada por Grosjean (2001): “*Eu falo (italiano) bastantinho assim, só que eu não gosto de falar muito porque depois tu vai falar em brasileiro assim, fala bastante coisas assim... semelhantes assim. Eu acho errado. Sei lá. Aí não... não gosto muito de falar italiano. Mistura. Fica meio confuso assim. Eu entendo tudo, mas falar assim, eu não gosto de falar muito. Gosto mais de falar português*”.

Novamente a consequência de que os falantes temem revelar aculturação incompleta aparece na fala dos informantes de Antônio Prado. Essa consequência geralmente está vinculada às outras.

A quarta consequência abordada por Grosjean (2001) é que o uso da língua minoritária passa a ser mais restrito. No caso do *Talian*, costuma ser utilizado na zona rural, entre familiares e alguns vizinhos:

Entrevistador: *O senhor fala dialeto?*

Informante: *Fala.*

Entrevistador: *Com quem o senhor costuma falar?*

Informante: *Com cunhados e irmãos. Às vezes a gente fala italiano.*

Entrevistador: *E os seus filhos? Falam ou entendem?*

Informante: *Tem um guri que entende bem, mas as gurias não entendem muito.*

A quinta consequência abordada pelo autor é que ocorre a substituição da língua minoritária. Na quarta geração, a aquisição simultânea de ambas as variedades se tornou bastante rara, até mesmo em função de a maioria da população de descendentes de italianos residirem em zonas urbanas.

Há, no caso do *Talian*, além da substituição pela língua portuguesa como língua de comunicação urbana, a tendência à valorização da variedade padrão do italiano, ensinado nos institutos de idiomas e já em algumas escolas públicas da RCI-RS como disciplina adicional.

Antigamente... se achava feio, nossa! Era tido como... o cara que falasse italiano ah é o colono, grosso e coisa assim. E hoje graças a Deus modificou essa visão, até... as pessoas da cidade principalmente achavam que nós éramos uns colonos, grosso... falar em italiano, em dialeto no caso. Hoje as pessoas estão indo aprender a falar italiano, estão indo fazer curso né. Acho muito interessante. Quero que meus filhos levem adiante até... quando puder... falar esse dialeto aí.

A sexta e última consequência negativa diz que os falantes temem o risco de revelar aculturação incompleta por empréstimos ou alternâncias de código, conforme mostramos nos exemplos anteriores.

A sétima é a única consequência positiva apontada por Grosjean (2001): a consciência étnica provoca reforço da lealdade e solidariedade no grupo. Um informante fala sobre a importância da língua para preservar a identidade da comunidade:

Entrevistador: *A senhora fala dialeto italiano?*

Informante: *É. Eu falo. Em casa a gente fala né, não muito, mas fala. Eu falo para os filhos também aprenderem um pouco, porque depois a gente se vai né. E aí a nossa língua... as pessoas vão dizer: “tu é filho de quê? De italiano? Tu não fala italiano”. Aí a gente fala. Para os filhos também né... que eles gostam. Se forem num lugar que alguém fala, que eles entendam né.*

Entrevistador: *Mas eles entendem já?*

Informante: *Entendem. Não tudo, mas entendem.*

Entrevistador: *E eles sabem falar também um pouquinho?*

Informante: *Falam.*

Entrevistador: *E com quem a senhora fala dialeto?*

Informante: *Mais com vizinhos (...) com as mulheres de idade.*

Outro informante afirma que, na linha onde mora, só se fala italiano, dizendo ser diferente de outras localidades como Nova Pádua (RS) e outras, onde só se fala português. Ela afirma que a fala dialetal reforça a identidade do grupo, da comunidade de zona rural onde mora.

A impressão que se tem ao ouvir a fala da informante é de que há o desejo de destacar a comunidade como “mais italiana” que as outras, como um local que preserva mais as raízes étnicas, o que condiz com o slogan do município de Antônio Prado: “a cidade mais italiana do Brasil”.

Assim são as atitudes dos falantes de Antônio Prado: ao mesmo tempo em que almejam o progresso, o crescimento, não objetivam perder a identidade étnica e afirmam com orgulho (prestígio) que pertencem à etnia italiana. É o que se denomina *localismo globalizado*, situação em que uma determinada localidade consegue difundir produtos e processos que reforcem a sua identidade local e que garantam ganhos econômicos e políticos, além de a localidade em questão conseguir preservar a sua própria identidade (SANTOS, 2000 *apud* BATTISTI; LUCAS, 2006).

Considerações finais

Antônio Prado, assim como outras cidades da RCI-RS, vivencia todas as consequências de atitudes negativas destacadas por Grosjean (2001), no entanto, como estudos baseados na sociolinguística quantitativa (LABOV, 1972) e na variação como prática social (ECKERT, 2000) têm mostrado, o município parece refrear as mudanças linguísticas direcionadas às variantes inovadoras, tendendo à estabilização, ou seja, aceitação de ambas as formas do português brasileiro: a forma marcada e a forma não marcada pelo falar dialetal italiano. No município tenta-se preservar o uso da coiné, conhecida como *Talian*, principalmente na zona rural, na tentativa de reforçar a identidade étnica e de atrair turistas que movimentem a economia da cidade.

A única consequência positiva de atitudes negativas, *a consciência étnica*, que *provoca reforço da lealdade e solidariedade no grupo*, aparece com bastante clareza na fala dos informantes da pesquisa. A literatura demonstra o enfraquecimento da fala dialetal na RCI-RS, afirmando que perdeu o sentido, que está intensamente mesclada, alterada pela interferência marcante da língua portuguesa que é a língua materna da maioria dos ítalo-brasileiros da RCI-RS e que grande parte dos descendentes de imigrantes italianos são bilíngues passivos, ou seja, apenas entendem o dialeto, mas não falam. No entanto, em Antônio Prado, percebe-se que ainda há um esforço por parte dos moradores no sentido de manter ou resgatar o falar dialetal e passar para os filhos, garantindo a identificação com a etnia italiana e, assim, atrair turistas para a cidade, fazendo jus ao slogan “a cidade mais italiana do Brasil”.

Referências

AZEREDO, P. S. **A troca da vibrante por tepe em onset silábico**: uma análise de variação e mudança linguística na comunidade bilíngüe de Flores da Cunha (RS). 2012. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BATTISTI, E. *et al.* Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. **ReVEL**: Revista Virtual de Estudos da Linguagem, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 01-29, ago. 2007.

BATTISTI, E.; LUCAS, J. I. P. Língua, redes e práticas sociais. In: BATTISTI, E.; CHAVES, F. G. L. (Org.). **Cultura Regional**: Língua, história, literatura 2. Caxias do Sul: EDUCS, 2006. p. 113-131.

BATTISTI, E., MARTINS, L. B. A realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla no português falado em Flores da Cunha (RS): Mudanças Sociais e Linguísticas. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 42, p. 146-158, 2011.

BOVO, N. M. P. **A variação da vibrante e o seu valor social**. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional), Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2004.

CORRÊA, R. C. **A Realização de vibrante simples em lugar de múltipla em onset silábico no português falado em Antônio Prado - RS**. 2016. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

FAGGION, C. M. Estigma, cultura e atitude: Investigações preliminares sobre o binômio prestígio-estigmatização na linguagem da região de colonização italiana da serra gaúcha. In: FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. **Estigma**: Cultura e Atitudes Linguísticas. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

FROSI, V. M. A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil. In: MAESTRI, M. **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

FROSI, V. M. Os dialetos italianos no Rio Grande do Sul: convivência e mescla lingüística. In: CARBONI, F; MAESTRI, M. **Raízes Italianas do Rio Grande do Sul 1875-1997**. Passo Fundo: UPF, 2000.

FROSI, V. M. O italiano no Brasil. Um caso de contato lingüístico e cultural. In: MELLO, H. ALTENHOFEN, C.V; RASO, T. **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. **Dialetos italianos**: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. **Estigma**: Cultura e Atitudes Linguísticas. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

GROSJEAN, F. **Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism**. 11. Impressão [1982]. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 2001.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

Recebido em: 08 de fev. de 2017.

Aceito em: 20 de jul. de 2017.